

Mulheres

Março 1981

nº 35

p. 1

p. 17-19

o desafio de
Fundação Cuidar o Futuro
uma vida



jornalista: Teresa Horta

MARIA DE LOURDES PINTASILGO

PRIMEIRO MINISTRO

Fundação Cuidar o Futuro

MULHERES

MARÇO DE 1981 • N.º 35 • Preço 30\$00



Fundação Cuidar o Futuro

Maria de Lurdes Pintasilgo



entrevista
em exclusivo



Fundação Cuidar o Futuro

MARIA de LURDES PINTASILGO

o desafio de uma vida

▷ **Maria Teresa Horta**

Entre nós há uma amizade que tem vindo a ser construída ao longo dos anos, uma cumplicidade assumida, uma certa alegria que vem da consciência de sermos mulheres e do que isso representa em termos de sociedade, de cultura, da vivência do nosso próprio quotidiano...





«É um facto que ao longo da História da Igreja as grandes santas não foram mulheres nada passivas. Foram sim mulheres não conformistas, de um radicalismo... **Santa Catarina de Sena** disse ao Papa aquilo que ele devia fazer e **Santa Teresa d'Ávila** teve na vida espanhola uma influência decisiva...»



Fundação Cuidar o Futuro

Maria de Lourdes Pintasilgo, aliás, tem tomado sempre com clareza, como fazendo parte integrante de si própria, esses seu «ser mulher», em todas as circunstâncias da sua vida. Mesmo (ou sobretudo) quando aceitou ser a primeira mulher portuguesa a desempenhar o cargo de primeiro-ministro, ela fê-lo não esquecendo que ser mulher é realmente ser-se diferente... diferença essa de que tanto temos falado as duas, ultimamente...

Diferença essa que ainda implica coragem para o seu reconhecimento activo?

«É preciso ser-se igual, ter-se a consciência de que se é igual para se ter a coragem de se ser completamente diferente». – afirmou-me **Maria de Lourdes**.

E essa coragem que sem qualquer espécie de dúvida ela possui é precisamente uma das suas características. Assim como o desafio.

Desafio que logo em pequena a fez escolher um curso, sobretudo na altura, essencialmente masculino, engenharia...

«Decidi aos 10 anos ser engenheira. Porquê? Porque a melhor aluna do liceu onde eu andava, ia para engenharia. Uns meses depois, tinha eu 11 anos, ela fez a admissão ao Técnico e chumbou. Na segunda época conseguiu passar, mas foi chumbar no final

do ano. E pronto, para a miúda que eu era, a melhor aluna da turma estimulada pelas professoras daquele liceu feminino, o que é que se me punha? Punha-se-me a engenharia como um desafio: o curso de mais difícil acesso às mulheres».

Desafio quando anos mais tarde depois de terminado o curso aceita trabalhar no Barreiro, na Companhia União Fabril...

«Deixei um trabalho cómodo, a uns quinze minutos de casa e fui para o Barreiro, para a Companhia União Fabril, onde só numa zona havia mulheres, fora do grande conjunto fabril. Não foi fácil, pode crer, furar tantos conceitos machistas. Moveu-me o desafio, não há dúvida que foi...»

Desafio quando presidente da Comissão da Condição Feminina aceitou largar essa tarefa para ir desempenhar na ONU um cargo até aí também só desempenhado por homens...

«É certo... aceitar esse cargo foi, uma vez mais, um desafio»...

Desafio quando aceitou o cargo de primeiro-ministro, cargo igualmente no nosso país até à altura só desempenhado por homens...

Reconhecendo esse seu gosto pelo desafio, **Maria de Lourdes** pergunta-se: «Não terá havido sempre em mim este esquema, de tentar estar onde os homens estão? E ten-

«Sim, há muito de aventura na minha vida. Eu tenho mesmo a sensação que a vida é sempre uma nova aventura, uma nova maravilha que todos os dias se trava, se descobre».

tar mostrar que as mulheres podem fazer o que os homens fazem e até mesmo fazer o que os homens não fazem?»

Uma presença exaltante

E durante os poucos meses que esteve à testa de um governo **Maria de Lourdes** mostrou isso realmente. No entanto, olhando-me bem nos olhos ela interroga-me interrogando-se:

«Tenho tendência para ver o tempo em que fui primeira-ministra sob uma luz completamente diferente da forma como vejo os homens exercerem essa função. Mesmo na relação com as multidões, com o povo... Para mim sobretudo uma presença que é exaltante, em que eu tenho a noção de não ser nada»...

E acha ser isso uma atitude feminina? – quiz concretizar...

«Sim, acho que é uma noção transposta para a vida pública daquilo que as mulheres experimentam na vida privada, na sua vida efectiva, que é a contingência de todas as relações... percebe? A fragilidade de tudo... Se calhar os homens também experimentam isto, mas a gente vê-os com tantas certezas»...

Sorriso de irmã

Foi esse lado do sensível, da simplicidade, do sorriso de irmã, que grande parte das nossas mulheres captaram, sobretudo as mulheres do povo, que ainda hoje se referem a **Maria de Lourdes** como «a nossa primeira-ministra» ou «a nossa Pintasilga», feminizando sem qualquer prurido, hesitação, não só o cargo público, como o próprio nome; como quem construiu mais um elo, uma ponte pelo feminino.

Identificação?

Maria de Lourdes contou-me uma história:

«Nos meses que estive no V Governo, numa aldeia que tinha ido visitar, uma pessoa da minha comitiva ouviu este

«A luta das mulheres tem de ser sempre associada à luta da transformação da sociedade, indicação das grandes questões sociais que estão em causa».



diálogo entre duas mulheres:

– Oh Antónia, tu viste-la?

– Vi-la, É tal e qual a nossa Encarnação!»

«Ai esta nossa mãe!»

É isso: a nossa Encarnação, a nossa Maria... figura de mulher tipicamente portuguesa. Sorriso lavado, espontâneo. Mulher que podia ser nossa amiga, parecida com a nossa irmã... – uma ternura sempre pronta no gesto. Uma certa maternidade no olhar...

«Nesse contacto com o povo, com as mulheres do povo, houve algo que me tocou profundamente: numa al-

deia da zona do Porto, uma mulher bastante idosa já, abriu caminho por entre as muitas pessoas que me cumprimentavam, e chegando junto a mim, disse-me: – “Oh minha santa mãe, deixe-me abraçá-la!”.

Noutra ocasião, já, uma mulher também do povo, me dissera: – “Ai esta nossa mãe!”.

Durante meses não falei disto a ninguém, de tal maneira me havia tocado... Fiquei tão comovida... percebe, Teresa?».

Basta falar uma horas com esta mulher para nos apercebermos da sua espontaneidade, da sua inteligência,

da sua sensibilidade à flor da pele...

Da sua voz de mulher, quebra do discurso político masculino pela primeira vez no nosso país; exercício feminino, pela primeira vez no topo de Poder...

«À medida que a mulher chega a determinadas zonas do Poder, aproxima-se de zonas que são cada vez mais vazias... ninguém como a mulher, até porque vive no corpo o ritmo da natureza, sabe o que é o período de fecundação e o período de vazio. Vive isso cada 28 dias. Está marcado na sua vida por: agora é um tempo pleno, agora é um tempo vazio. E, quando a maternidade se inscreve nisso, tudo toma uma forma ainda mais intensa. Por isso para a mulher, o que é vazio não há nada que o encha».

Ciclos da lua e do mar

O sentido do que é estéril, árido; o sentido do que é repleto, fértil, bem feminino; períodos, ciclos da Lua, do mar, do corpo... que só uma mulher pode tocar com os dedos pois fazem parte da sua própria constituição, da sua personalidade, do seu próprio ser, maneira de estar no mundo, tão diferente... e **Maria de Lourdes Pintasilgo** possui plena consciência disso. E tem-no assumido sempre, sem desistir perante as dificuldades, nem o que é mais difícil, perante o poder que lhe tem sido proposto e que tem exercido.

«É que não vivi o Poder com consciência de quem diz a si mesma: ‘pronto cheguei, tenho o Poder’... Até porque primeiro houve lutas enormes com os partidos de direita e depois começou esse fenómeno que foi eu passar a ser transportada pelas massas... Foi o contacto com o povo que me transportou e me deu um “elan” extraordinário... era como que um diálogo amplificado e feito a milhares de vozes»...

Tendo pela primeira vez no cimo desta pirâmide uma voz feminina...



Fundação Cuidar o Futuro

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E DE PUBLICAÇÕES